



A VENCÇA

O VILHENSE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALVIO

O VILHENSE

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração: Residência Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRA



MÃE!

Com um abraço, à minha saudosa mãe!

A maior ambição da mulher é ser mãe. Para isso vive, para isso se sacrifica, para isso ama. Eis a sua missão.

Ela sabe que isso lhe acarreta sacrifícios sem conta, que terá de chorar muitas e dolorosas lágrimas, velar durante noites a fio; ela sabe que o pão que era para si, há-de, muitas vezes, ser dividido pelos seus filhinhos, que os há-de alimentar com o suor do seu rosto e que o seu coração se há-de dilacerar com as amarguras que a maternidade lhe acarreta.

Ela adivinha que há-de visitar num hospital o fruto do seu amor, que se há-de ajoelhar ao lado dum ataúde que contém os seus restos mortais e ela adivinha que o há-de chorar sobre uma sepultura.

Ela adivinha tantas e tantas privações, tantas e tantas lágrimas, tantas e tantas vigílias, e, no entanto, o seu único desejo é ser mãe.

Podemos distinguir duas maternidades, uma física e outra espiritual ou de caridade: a mãe que dá os filhos a Deus, a mãe que dá Deus aos homens e a mãe adoptiva ou a que conduz a Deus os «filhos de ninguém».

A mãe dos homens ensina a rezar e encaminha os seus filhos para Deus; a Mãe de Deus ensina a tratar e a receber Jesus. Deus desce aos homens nos braços de Maria e o homem vai até Deus nos braços de sua mãe.

Fazer dos seus filhos, filhos de Deus é a grande, a maior missão de mãe.

Acostumamo-nos, desde crianças, ao convívio permanente com a nossa mãe da terra, a receber as suas carícias e afagos, os seus beijos ardentes e amorosos e agora, dificilmente, nos resignamos a uma situação inteiramente oposta.

Depois que nos separamos e vivemos longe da nossa mãe e que sentimos quanto vale o amor, a dedicação e o carinho maternais.

É uma lição bem custosa esta: só apreciamos o valor das coisas quando delas nos privamos. Somos forçados, pelas circunstâncias da vida, à separação do que tínhamos de mais caro. Vivemos longe daquela que desejaríamos ver mais perto de nós, privamo-nos do que mais carecemos e sacrificamos o que temos de mais belo. A distância é dura como a separação é cruel, mas a resignação também tem que ser constante.

Quem nunca safu da sua terra, quem nunca se despediu da sua mãe por longo tempo ou às vezes até para sempre e quem nunca viveu as horas tristes e nostálgicas da saudade de quem lhe deu o

ser e a vida não pode pronunciar com um misto de entusiasmo e tristeza, de saudade e recordação, de angústia e desespero de quem se vê só... o doce nome de mãe!...

Quando, há dias, visitava uma família amiga, encontrei numa das paredes da casa, uma porcelana com esta maravilhosa quadra que escusa comentários:

Com três letras pequeninas
Escrevo o nome de Mãe.
E' dos nomes mais pequenos
O maior que o mundo tem!

De parte a parte imagina-se sempre o pior, vive-se sempre em sobresalto, em inquietação constante, teme-se a todo o momento a vida do Amor distante!

Nesta situação, o sofrimento acompanha-nos sempre e para toda a parte, muitas vezes, sem necessidade nenhuma porque, quase nunca sabemos encarar convenientemente a vida.

É nesta ocasião que mais sentimos a necessidade duma Mãe celeste. Quando chegamos a

(Continua na 2.ª pág.)

Melhoramentos REGIONAIS em Cervães

A fim de estudar e atender as reclamações sobre a ligação, mais curta e mais recta, de Braga com Viana e sobre outros melhoramentos locais e as obras de que carece o arruinado e antigo Mosteiro de Nossa Senhora do Bom Despacho, visitaram quinta feira 31 de Julho esta freguesia, os srs. drs. A. Abranches, governador civil, e Felicíssimo Campos, presidente da Junta da Província e os srs. A. Santos da Cunha, presidente da Câmara de Braga e eng. Alegria Martins, director dos Serviços de Urbanização Distrital, tendo-os acompanhado o Rev. prof. Dr. Bacelar Oliveira (S. J.).

Os ilustres visitantes eram esperados por uma comissão de amigos ou defensores dos interesses desta esquecida região de que faziam parte os srs. abade de Cervães, Drs. Aurélio e João Cunha, eng. A. Macedo, Luís Bacelar Oliveira, Valdemiro Silva e Amaro e Olindo de Macedo.

Todo este grupo bairrista-amigo de advogar as aspirações locais—ficou convencido de que o ex.mo sr. Dr. Abranches vai resolver—a bem desta Região—tudo que pediram estes senhores, como é justo e de esperar dele e dos seus bons companheiros — homens cheios de iniciativa. — C. BACELAR.

A Ribeira do Neiva em festa

Bodas Sacerdotais

O Rev.do P.e Aloísio Avelino de Sousa paramentou-se em sua casa e depois organizou-se o cortejo para o largo fronteiro à Igreja paroquial onde se ergueu uma elegante tribuna sobressaindo um altar bem ornamentado e onde foi celebrada a missa campal.

Constituiu facto verdadeiramente histórico a inauguração da energia eléctrica neste recanto do concelho cheio de beleza e rico de valores quando bem aproveitados geram o verdadeiro progresso e são capazes de se avalançarem a obras quase diríamos arrojados.

A Ribeira do Neiva abrange as freguesias de Azões, Rio Mau, Duas Igrejas, Marrancos, Goães e Portela de Penela. Os habitantes são em número de 8 mil.

Nesta última, nasceu o sr. P. Aloísio Avelino de Sousa, sacerdote que ao serviço de Deus e das almas vem consagrando o melhor do seu esforço e boa vontade e que no dia 15 celebrou as Bodas de Prata de ordenação sacerdotal.

Aconteceu que as freguesias da Ribeira, atentas à sua vida apostólica e virtuosa, revendo-se nele como num filho que consegue levar ao longe e ao largo, a par com o seu nome, o das freguesias donde é natural, quiseram testemunhar vivo afecto, profundo reconhecimento, especial simpatia ao sacerdote modelo e activo e ao filho ilustre que se aproveita do seu prestígio e das suas relações para transformar a Ribeira num dos mais belos recantos deste Minho de sonho.

Por isso, a festa do dia 15 se dividiu em duas partes, mas de resto unidas num só objectivo: celebrar com alegria as Bodas de Prata de Sacerdote do Sr. P.e Aloísio, quer em missa campal, quer em luz eléctrica e a estação telefónica com 50 linhas. Rendia-se homenagem à Igreja já na pessoa dum seu ministro que se desdobrava em duo de padre cem por cem apostólico e homem que se dava à boa gente da sua terra, mas fazia-o ainda como padre, isto é, por caridade para com eles, por amor, por apostolado.

Quem nasceu na aldeia e lá viveu não pode deixar de sentir com aquele bom povo, generoso e trabalhador, onde florescem as melhores virtudes da grei à penúria de tudo, desde o emprego para todos, ao pão, à água, ao lavadouro, à estrada, à fonte, ao telefone, à luz eléctrica.

Tudo falta em comodidades e lá sobram riquezas, extraordinárias virtudes e são acaço essas mesmas virtudes que o fazem esquecido, porquanto sofre com paciência, resignadamente, não faz revoluções e tudo leva com alma grande e a esperança sempre viva.

Por isso mesmo, quem tenha coração bondoso e ainda mais a fraternidade de quem viveu os mesmos problemas e os conhece de perto, sente necessidade de auxiliar os pobres camponeses, levando-lhes o que o progresso a todos oferece generosa e dedicadamente.

Foi isso o que fez o sr. P.e Aloísio e isso reconheceu aquela boa gente, não lhe negando o tributo de gratidão a que tinha jus na festa, a que vamos referir-nos.



P.e Aloísio Avelino de Sousa

O largo e todas as ruas da freguesia estavam ornamentadas com arcos triunfais, festões e bandeiras. Na rua principal, que conduz à igreja, a multidão enchia o largo. Em lugares de honra estavam, além de outras individualidades de destaque e muitas senhoras, os srs. conselheiro dr. António Abranches, Governador Ci-

vil do Distrito; dr. Francisco Prieto, Director Geral do Ensino Liceal; dr. António dos Santos Ferreira, Presidente da Câmara de Vila Verde; Eng.º Ferreira de Andrade, director dos Serviços Eléctricos da zona Norte; dr. Miranda de Andrade, reitor do Liceu Central de Braga; capitão Eulides de Barros, comandante

te distrital da P.S.P.; dr. Felicíssimo Campos, presidente da Junta de Província do Minho; dr. Francisco Gonçalves, Presidente da U.N. de Vila Verde; eng.º Alberto Cruz, dos S.M. de Braga; e cónego dr. Martins Gonçalves.

Na altura da homília, o sr. cónego dr. Martins Gonçalves, proferiu o sermão no qual, depois de ter saudado o rev. Aloísio de Sousa, seu antigo aluno e de o felicitar, por comemorar as suas bodas de prata de presbítero, falou da vida do sacerdote, da sua palavra de fé, de consolação, de amor e de perdão junto dos descrentes, dos que sofrem, dos pecadores e dos moribundos. Falou do significado da presença de tão elevado número de pessoas, humildes ou categorizadas, mas todas dando testemunho do que tem sido como sacerdote exemplar, professor distinto, bairrista incansável e benemérito, o rev. Aloísio de Sousa. Pediu a este que orasse por todos os presentes, pela sua família e pelos seus amigos, pelos seus inimigos e por aqueles que não o têm escutado, pelos mortos e pelos vivos, e terminou fazendo votos por que o homenageado, para honra da Igreja e Glória da Pátria, pudesse comemorar rodeado da mesma estima e ainda com maiores serviços, as suas bodas de ouro.

A missa seguiu-se um «Te Deum» que foi, também, acompanhado a cânticos pelo coral da Oficina de S. José, e que terminou com a bênção do Santíssimo.

(Continua na 2.ª pág.)

Almoço de confraternização

Terminadas as cerimónias religiosas o Rev.do P.e Aloísio ofereceu um almoço na Casa da Cruz a todos os convidados. Perto do fim chegou sua Ex.cia Rev.ma o Bispo auxiliar, sr. D. Francisco Maria da Silva, que foi recebido com vibrantes manifestações de simpatia. Aos brindes levantou-se o sr. dr. José de Oliveira Faria Figueiredo e Matos, em nome dos povos da Ribeira do Neiva, para agradecer o trabalho, dedicação e grande serviço prestado a esta região, sendo nesse momento entregues várias prendas, sobressaindo um frigorífico pelo povo da Ribeira e um fogão eléctrico pelo povo da Portela. Depois usaram da palavra o rev. Manuel Gonçalves Diogo, pároco de Vila Verde e antigo aluno do homenageado; rev. Francisco de Oliveira, antigo condiscípulo; dr. Augusto Ferreira actualmente juiz em Oliveira de Azeméis e também antigo condiscípulo; a esposa do sr. dr. Augusto Ferreira, D. Serafina Rosa Coelho de Azevedo Ferreira; rev. Avelino de Sousa, pároco em Dornelas, Amares e sobrinho do homenageado; dr. Miranda de Andrade, reitor do Liceu; dr. António dos Santos Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde; conselheiro dr. António Abranches, Governador Civil; dr. Francisco Prieto, director geral do Ensino Liceal; D. Francisco Maria da Silva, Bispo Auxiliar.

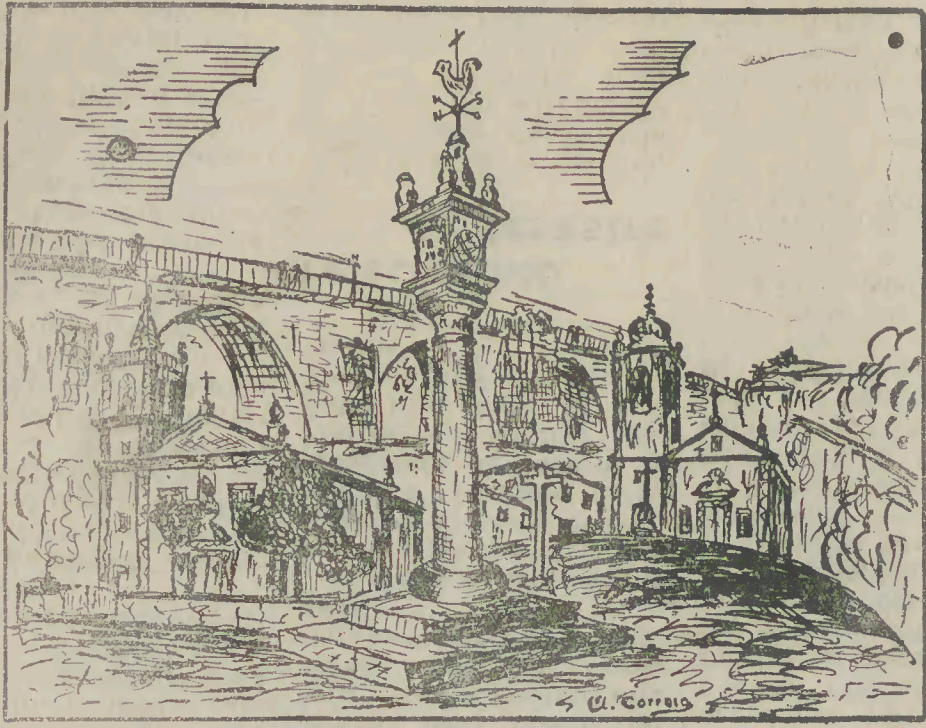
Os méritos do rev. Aloísio de Sousa como sacerdote, como professor, como amigo da sua terra natal, como benemérito, como orador, como realizador, etc., foram postos em destaque por todos os oradores. Os seus antigos condiscípulos, numa evocação de saudade recordaram factos que criaram e estreitaram amizades; os antigos alunos, lembraram as excepcionais qualidades do mestre.

O sr. D. Francisco Maria da Silva, depois de se ter associado às palavras dirigidas por todos os oradores ao homenageado, disse que uma homenagem a um sacerdote era uma homenagem à Igreja. Em nome da Igreja—portanto—manifestava o seu reconhecimento a quantos a tinham honrado.

O rev. Aloísio de Sousa, afirmou a sua gratidão a todos os oradores. Para o povo da Portela de Penela e da Ribeira do Neiva e em nome de quem, por intermédio da menina Maria Olinda de Oliveira Pereira, havia recebido formoso ramo de cravos, teve palavras especiais manifestando o desejo de trabalhar com crescente entusiasmo pelos progressos da região. O conjunto das

(Continua na 4.ª página)

TERRAS DE PRADO



PRADO (SANTA MARIA)

Água em Prado

Talvez não se lembrem os leitores daquilo que aqui, nos colunas do «Vilaverdense» temos dito, sobre o momentoso problema da nossa Vila, que é, sem sombra de dúvida, o abastecimento de Água.

Muito se tem dito e ouvido dizer sobre o assunto, mas a verdade é que até hoje nada em definitivo sobre a resolução de tão importante obra.

Quando da inauguração do Sub. Posto da G. N. R., nesta Vila, e a que se dignou assistir o Ex. Sr. Presidente da Câmara, e que no final daquele acto, se deslocou acompanhado de diversas entidades locais e Vereadores do Município, aos nossos jardins — local que mais carece do precioso líquido — a fim de ali verificar e estudar a maneira mais própria de se dar, satisfação a este nosso justo anseio — nós estávamos presentes — e tivemos a oportunidade de registar «in-loco» o que se estava a resolver.

Nessa altura, o Ex. Sr. Presidente da Câmara, depois de ouvir as declarações dos presentes, prometeu que o assunto seria solucionado dentro do mais curto prazo e ao mesmo dia todo o seu apoio, pois bem sabia que a nossa pretensão era justíssima. Contudo não sabemos nem compreendemos quais os motivos porque, como em principio dissemos, nada foi feito. Sabemos, perfeitamente que o Município não dispõe de verba para o efeito, mas com um pouco de boa vontade tudo se consegue. Porque não pedir uma comparticipação do Estado, a exemplo do que fazem outras terras? Será isso impossível?

Esperamos que estas nossas palavras não fiquem perdidas e aproveitamos a oportunidade para chamar a atenção para o assunto do Ex. Sr. Gaspar Fernandes Queirós, digno Vereador Municipal, para envidar todos os seus melhores esforços, junto da Câmara, para que o abastecimento de água à Vila de Prado, seja uma realidade dentro do mais curto prazo de tempo, como bem o disse, o Ex. Sr. Presidente da Câmara. Aguardamos confiadamente.

Perigo

eminente

Não julguem ao lerem, que exagero o título desta notícia. Bastará para ve-

rificar a autenticidade do que pretendo dar conhecimento público que passem na nossa rua principal, mais vulgarmente conhecida por rua do Queirós e reparem num velho pardião que fica em frente da estação dos correios que ameaça ruína. Uma autêntica ratoeira de dia a dia para quem passam naquela artéria e um perigo eminente para as muitas caminhetas e carros que cruzam aquela rua como sítio obrigatório de passagem.

Não nos surpreende que dum dia para o outro sejamos surpreendidos com a notícia dum possível desastre, que a dar-se, pode ter consequências funestas. Já tivemos ocasião de pessoalmente fazermos às autoridades locais dos perigos a que estão sujeitos todos os que por ali passam. Foi-nos dito que esse assunto diz respeito à Junta Autónoma das Estradas mas o que é certo é que o caso está sem solução. Duma maneira ou de outra é nossa maneira de ver e não cremos que possa ser rebatida é às autoridades locais que compete resolver todos estes problemas de interesse público para a colectividade, muito especialmente quando estão em perigo as vidas das pessoas que por ali passam despreocupadamente alheias à cilada que ignoram.

Se o assunto não lhes diz respeito directamente é contudo às autoridades que compete por o problema a quem de direito pelas vias legais para que se tomem as devidas providências diligenciando nesse sentido. Porque não poderá a Digníssima Câmara ou a Junta de freguesia officiar nesse sentido?

A nós compete-nos também por o problema em público tal como se apresenta, para que amanhã não nos fiquem as culpas de pelo menos o não termos lembrado para que ninguém diga que desconhecía.

As autoridades compete agir e agir o mais depressa possível antes que seja tarde, tornando-se responsáveis pelo que possa vir a acontecer. Esperamos que sejamos ouvidos como é intuitivo e que seja dada solução ao assunto que fica posto.

Escândalo

Segundo nos informou pessoa que nos merece crédito, há dias, no lugar de

Faial, mas na margem direita do Cávado, foram verificadas cenas escandalosas, praticadas por um cavalleiro e uma sua companheira que, para ali se deslocaram, para se deliciarem com um apetitoso banho.

É de lamentar que pessoas sem vergonha, poderíamos até lhe chamar irracionais — se prestam, para perante pessoas idóneas e crianças ingenuas, a cometer imoralidades.

O presado leitor compreenderá, por estas poucas palavras o que se teria passado. Falamos assim, porque muito teríamos que dizer, mas...

Temos pena não terem sido conhecidos tais cavalleiros, porque se isso tivesse acontecido, é natural que as autoridades lhe tivessem aplicado o devido correctivo.

Para evitar que cenas desta natureza se repitam e aqueles «Melros» não voltem ao local, ou outros lhe sigam o exemplo, chamamos a atenção do Dig.º Comandante do Posto da G. N. R., para que se vigie o local, e, apanhando os «Melros», dar-lhe um banho na gaiola.

Haja Moralidade.

M. GOMES

Tanto aplaudimos, como reclamamos

Luz eléctrica

Há tempos falamos neste jornal, acerca da transformação que sofreu a nossa rede eléctrica que, sem dúvida, foi muito melhorada em relação ao que existia. Todavia, não podemos hoje deixar de reclamar por certas deficiências que temos notado, e que dentro do possível podiam ser resolvidos.

Em determinado dia da semana passada fizemos uma pequena digressão noturna e, qual o nosso espanto ao verificarmos que aqui, ali e acolá se encontram lampadas apagadas, e em locais que tanta falta fazem. É natural que a escuridão nesses locais, sirva para uns, mas estamos em crer que não serve para outros. Portanto, é aconselhável que se corrijam essas faltas, e que a luz volte a iluminar os locais que se encontram na penumbra.

Queremos também chamar a atenção dos S. M., ou quem na nossa Vila, nisso superintende, que no Largo Comendador Sousa Lima, há um candieiro de iluminação pública, cuja lâmpada se encontra apagada, pelo menos, à 6 meses. Pare-

Peregrinação ao Sameiro

(Continuação da 1.ª página)

o programa enotrimheiro; ponto de paragem. Ali, no pórtico principal dos esca-dórios todos se apearam dos carros subindo a pé, sendo explicado a todos a simbologia de cada capela pelo Reverendo Padre António, tendo-se chegado ao parque quase sem dar por isso, pois muito foi o interesse com que a enorme caravana ouviu todas as explicações dadas sobre a vida e a morte de Cristo Redentor.

Uma vez chegados ao fim do parque, organizaram-se ali todos os excursionistas em peregrinação até ao Sameiro com os estandartes da Acção Católica e as bandeiras das irmandades desta freguesia tendo-se durante o trajecto rezado o terço cantado e entoado lindos cânticos religiosos à Virgem do Sameiro. Se havia de chover foi nesta altura, mas o povo que se incorporou nesta peregrinação não a abandonou porque todos se sentiam irmanados da mesma fé e dos mesmos sentimentos religiosos que ali os tinham levado e já sem chuva a peregrinação atingiu o Sameiro por volta das 12 horas no meio dum vibração, entusiasmo e fervor religioso que a todos contagiou. No templo foi depois rezada missa, seguindo-se a comunhão de todos os peregrinos e finalmente estava chegada a hora do almoço, dando ao recinto sempre belo e esplendoroso da esplanada do Sameiro o ambiente próprio dos grandes dias de festa onde centenas de crianças sobressaíam de entre a multidão que as acompanhou ensinando-lhes desde pequenos o cumprimento do dever religioso que a todos os pais é imposto para salvaguarda dum património que herdamos bem expresso na trilogia simbólica de todos os portugueses — DEUS — PÁTRIA — FAMÍLIA. Eram 3 horas da tarde quando todos se reuniram novamente para assistirem conforme estava anunciado a um número do programa deveras interessante, a realização de vários jogos e brincadeiras feitos pelos rapazes e raparigas da catequese e que muito cativou todos os pais que a eles assistiram pela dedicação e amizade desinteressada que o nosso bom Padre António põe no carinho com que trata as crianças e sabe lidar com elas e que estou certo ninguém esquece e todos terão a lucrar e a agradecer. Mais uma vez aqui ficou provado que aos sentimentos religiosos do nosso povo se não deve extirpar também nas suas horas vagas a distração cuidada e preparada como aqui aconteceu, a que neste caso as crianças deram a sua colaboração cheia de frescor e de vida e à qual o povo se aliou comunicativamente, passando duas horas esquecidas sem que por tal desse, vivendo como as crianças e, contagiando-se como elas, na mesma alegria. Depois, às 5 horas da tarde, reuniu-se de novo no templo toda a gente para assistirem ao Terço e bênção do Santíssimo Sacramento, tendo ficado ainda dentro do horário previsto algum tempo para quem quisesse fazer

as suas promessas particulares à Virgem.

E chegaram finalmente as 6 horas da tarde, hora marcada para partir para a Santa Marta, local também maravilhoso e de sonho, escolhido para ali se fazer a merenda a qual decorreu animada e alegre, parecendo tratar-se dum só família que tivesse resolvido passar o dia fora de casa no ar livre da montanha, apesar de se tratar dum centenas de pessoas. Cantou-se, brincou-se realizaram-se vários jogos, tudo na melhor ordem, no maior elevado respeito e na melhor harmonia, não tendo havido, nem ao de leve uma pequena nota destoante sempre às vezes de admitir do meio de tanta e tanta gente. Neste aspecto está de parabéns o povo de Prado. O regresso a Prado por volta das 8 horas da tarde foi de verdadeira apoteose e ao mesmo tempo, como por contraste, adivinhava-se no rosto de todos a tristeza e a saudade de que tão depressa tivesse passado um dia que embora sendo igual aos outros a todos pareceu tão pequeno.

JOSE MANUEL GOMES

Mãe

(Continuação da 1.ª página)

idade em que o nosso organismo, suficientemente desenvolvido e robusto pode bem passar sem uma tutela, sem uns braços que o ampare, partimos, senhores de nós para a grande aventura da vida, dispensando, embora dificilmente, os cuidados da nossa mãe terral...

Mas a par da fortaleza do corpo descobrimos, facilmente, a fraqueza de alma — spiritus infirmus.

Sentimos que nos falta qualquer coisa que nos complete, sentimos em nós, um vácuo enorme e sentimos um a necessidade imperiosa de o preencher.

Por isso a nossa alma José Maria da Silva Lopes

anseia por outra Mãe que venha ocupar o lugar da primeira e que siga a Mãe, a Protectora e o tudo da nossa alma.

Há em nós segredos tão íntimos, que um pudor misterioso e intrinseco nos impede de os revelarmos a quem quer que seja mesmo a nossa mãe da terra, ordinariamente a nossa confidente. Por maior que seja a confiança que nela depositamos nunca é suficiente para lhe abriremos de par em par o santuário da nossa alma, onde, por vezes, brilham chamadas que nem a todos se podem dar a conhecer.

São coisas de tal maneira transcendentales que só se podem revelar a quem as pode compreender.

É por este motivo que desejamos uma Mãe... uma Mãe celeste que seja a nossa confidente, a nossa intercessora e a nossa medianeira.

E quem, melhor que Maria poderá desempenhar esta missão?

Precisamos de confiar os nossos segredos à Mãe de Jesus Cristo que é também nossa Mãe.

Precisamos dum luz que guie a nossa alma hesitante e em trevas nos caminhos tortuosos da existência.

Precisamos dum Mãe carinhosa que nos conduza na vida, que nos indique, nas encruzilhadas difíceis, qual o melhor caminho a seguir — aquele que leva a Jesus.

Precisamos que Maria esteja sempre ao nosso lado como nos tempos em que conduzia o seu filho pelas terras da Galileia.

Na nossa alma há desassossegos, tempestades e até naufrágios?

Voltemo-nos para o Céu.

Lembre-mo-nos que temos lá uma Mãe que vela por nós, que nos protege e ampara.

E nas horas mais difíceis da vida, nos momentos da tentação diabólica, aflore aos nossos lábios o grito angustioso e aflito dos soldados no fragor da batalha: «Mãe!... Mãe!...»

E tudo o vento levou...

a Alguém

Numa encantadora colina
Em manhã de neblina
Edifiquei um castelo
O meu castelo da vida.
E para que a toda a gente
Ele fosse mais atraente,
E o que encontrarei melhor
No mar, na terra e no ar,
Revesti-o a primor.
Ilusão falaz!...
Enriqueci-o de tudo.
Para que nada faltasse
A' suposta felicidade
Que tanto me apregoavam.
Pobre de mim!...
Como fui louco!...
Agir... assim...
Sem pensar um pouco!
Os cínicos que então passavam
Diziam abertamente:
— Que linda moradia;
Mas os sensatos,
Mencando a cabeça,
Censuravam a ilusão
E a tão balofa construção.
Até que um dia,
(Feliz dia esse!)
Foi o que toda a gente viu:
— Num só instante,
Quando menos se esperava,
O castelo dos meus sonhos,
O castelo das ilusões ruiu.

Lisboa, 5 de Março de 1958.

José Maria da Silva

Preço anual de assinaturas:	
Continente	25\$00
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	55\$00
" " " (via aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	65\$00
" " " (via aérea)	160\$00

Sessão ordinária da Câmara Municipal de Vila Verde

21 de Agosto de 1958

Escola de Turiz

Foi encarregado o vereador senhor Bento dos Santos Moraes de negociar a compra do terreno para a construção da Escola de Turiz. Por intermédio do industrial senhor Custódio

Joaquim Barrosa, conseguiu que a senhora D. Maria Teresa de Sousa, viúva, proprietária, cedesse gratuitamente o terreno necessário, à referida construção e seus anexos.

A Câmara mandou transcrever na acta a referida cedência de que se lavrou o respectivo auto.

Festa da Padroeira dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde

e recepção do pronto-socorro

No dia 15 de Agosto, como estava anunciado, realizou-se, em Vila Verde, a festa da Padroeira dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, Nossa Senhora da Assunção.

As 9 horas, na Ponte do Bico, uma fila de automóveis, que transportava todos os membros dos Corpos Orgânicos e Comandos do Corpo Activo, fez a recepção ao novo pronto-socorro.

Durante o percurso os foguetes animaram a chegada deste grande melhoramento para serviço do Concelho.

Junto do Quartel, toda a Corporação fez a guarda de honra, enquanto as sirenes e os foguetes anunciavam tão faustoso acontecimento.

O povo acorria de toda a parte manifestando o seu intenso regosijo.

As 10 horas, na Igreja Paroquial houve Missa Solene, cantada pela coral de Adufe, fazendo o celebrante, Reverendo Pároco da Vila e capelão dos bombeiros, uma alocução alusiva a esta comemoração.

De tarde, o pronto-socorro e todo o corpo activo foi para a Ribeira da Penela, prestar homenagem às festas das Bodas de Prata da ordenação sacerdotal do grande vilaverdense, senhor P. e Aloísio Avelino de Sousa, e da inauguração da luz eléctrica nessa região.

Já temos ao serviço do Concelho o pronto-socorro; falta-nos a ambulância, fardamento e algum material complementar.

É necessário que todo o Concelho contribua para estes melhoramentos, para o serviço de todos nas calamidades públicas ou particulares.

Vai prosseguir a subscrição pública, e espera a Corporação dos Bombeiros, dentro em breve, fazer a festa da bênção do seu material, e apresentar-se ao Concelho, com toda a aptidão para o servir.

O Corpo activo está um primor, em número e qualidade.

No dia 15, depois da recepção do pronto-socorro, os comandantes, senhores Fausto Feio Soares de Azevedo e Manuel de Faria Lima fizeram a imposição das divisas aos elementos do Corpo Activo, conforme as suas aptidões oficiais.

Oxalá que o povo do Concelho saiba corresponder a esta premente necessidade.

ESTRADAS--PRECISAM-SE!...

por FAUSTO FEIO

Não é nenhuma novidade dizer-se que o nosso país tem a configuração dum rectângulo que no extremo mais ocidental da velha Europa se debruça e se mira nas águas do Atlântico. Mas o que talvez poucos tenham reparado é que o concelho de Vila Verde, constitui precisamente a mesma figura geométrica, com os seus lados paralelos aos daquele e estendendo-se na mesma orientação sobre a região geográficamente interior do Minho aonde chegamos ainda as leves reminiscências da brisa marítima do Grande Mar que foi o nosso destino e a nossa glória, soprando em direcção ao massiço gereziano, a medula, o cerne da nossa nacionalidade onde se caldearam as nossas ancestrais virtudes ráticas de independência e de liberdade!

Quer isto dizer que duas das grandes rodovias interiores do país que atravessam o Minho no sentido Norte-Sul e que vão convergir na cidade de Braga, cortam o pequeno quadrilátero de Vila Verde, em duas zonas oblongas e distintas que se estendem por dois vales como se fossem duas bacias hidrográficas separadas e em que os rios tivessem sido substituídos por estradas, às quais, exactamente como as águas dos ribeiros, afluem as populações das suas vertentes, de mais a mais que entre uma e outra zona se interpõe a elevação montanhosa do Castelo.

Impõe-se, por conseguinte e por analogia com os grandes empreendimentos hidráulicos desviar a corrente humana que passa pela «bacia hidrográfica» da estrada nacional de Braga-Ponte de Lima, para a de Bragá-Monção, onde se situa a sede do nosso concelho.

Evidentemente que esse desvio não pode ser total, pois não é possível colocar ali uma barragem, mas poderá ser parcial e pelo menos eficaz para a corrente que naquela região tem a sua origem e que por qualquer motivo necessita de encurtar a distância para Vila Verde.

É certo que já existem ligações entre uma e outra estrada, mas que decididamente não satisfazem!

Vejamos: a estrada nacional que vai daqui aos Corvos está em péssimo estado de conservação e serve unicamente as freguesias situadas ao norte do concelho, longe, portanto da região que necessita ser servida.

Temos depois a ligação por Soutelo e Prado que embora esteja em bom estado, de forma alguma pôde satisfazer pelo desvio a que obriga.

De modo que nos resta a estrada municipal que vai da Loureira a Febros, já que uma estrada que ligasse directamente Vila Verde com a freguesia de Moure, está para já posta de parte por ser considerada de muito difícil execução, pelo menos para estes tempos mais próximos.

E por isso, já que nos resta a estrada da Lage, é com ela que teremos de contar de qualquer forma para o estreitamento das

nossas relações comerciais e oficiais com a região de «além Castelo». Chamemos, portanto, para ela as atenções de quem de direito...

E' inegável a vital importância que para uma grande parte do nosso concelho representa aquela via.

E' por ali que se faz todo o movimento, entre a sede e a região de Prado, Cabanelas e Cervães, com características únicas no nosso concelho, pois é das poucas que a par de uma enorme riqueza agrícola, apresenta indícios dum brilhante futuro industrial.

E' ainda por ali que circula uma enorme multidão de feirantes proveniente da Laje, Turiz, Moure, Freiriz, etc. E é no próprio curso da estrada que se encontram estabelecidas duas importantes serrações de madeiras.

Estas razões, só por si, justificariam uma mais cuidada atenção por parte das entidades administrativas para se tornar aquela estrada capaz de satisfazer as necessidades de trânsito, especialmente das carreiras de caminhetas que diariamente e nos dois sentidos a atravessam!... Mas há mais: com a construção da ponte sobre o Rio Homem, já feita a concurso e com a consequente ligação directa de Vila Verde a Amares, aquela estrada está reservado, no futuro, um importantíssimo papel no ponto de vista comercial e turístico. O mesmo se poderia dizer da estrada que vai de Vila Verde aos Corvos, mas aqui tem a palavra a Junta Autónoma.

E' que com a efectivação daquela magna obra, Vila Verde passará a ser em breve uma encruzilhada do movimento já grande no sentido Norte-Sul com o de Este-Oeste, isto é do interior da província e até de Traz-os-Montes com rumo ao litoral.

E' indispensável, pois, é até urgente que se encare muito a sério a reparação (já que não é possível o alargamento!) da abandonada mas importante estrada da Lage.

Este problema já não é de agora. E' já tão velho que até, aqui há uns nove anos, estive em vias de solução. Na verdade chegou a estar amontoada grande quantidade de brita nas bermas, possivelmente destinada a obra de vulto. Mas sem se saber porquê e como essa mesma brita foi dali retirada para destino que se desconhece!...

Isto não está certo!... E não está certo porque não está bem que se não acabe uma obra mesmo que ela não tenha partido da nossa iniciativa, quando é insofismável, como no caso presente, que essa obra tem um largo alcance para uma grande parte do concelho!

Não deslustra ninguém caminhar nas pegadas de outrem quando elas nos indicam que aquele caminho, embora não inexplorado é o melhor e mais conveniente.

E de resto há tanta, tanta coisa em que nós podemos pôr a marca original da nossa personalidade, do nosso espírito criador, da nossa iniciativa!...

Para muitos casos tem havido a cómoda desculpa

A Ribeira do Neiva em festa

(Continuação da primeira página)

saudações recebidas, que tinham sido muito gratas ao seu coração mas eram rodeadas de exagêros, que as amizades explicavam ofereci-as à Igreja, sua Mãe, na pessoa do sr. Bispo Auxiliar.

Vibrantes aclamações sublinharam as palavras do rev. Aloísio Avelino de Sousa, que foi abraçado por todos os presentes, muitos dos quais já tinham recebido, no final do missa, lindas pagelas coloridas, afusivas ao acontecimento.

Bênção das Cabines, inauguração da rede eléctrica e da central telefónica

Seguiu-se a bênção das cabines com os postos de transformação na rede eléctrica. São 2 as cabines, alimentando cada uma várias freguesias. O sr. Bispo Auxiliar na presença das autoridades, convidados, e muito povo procedeu à bênção, ao mesmo tempo que entralejavam girando-as de foguetes e se fazia ouvir uma banda de música. Depois, na primeira cabine benzida, que foi a de Portela, entraram os srs. eng. Ferreira de Andrade, director dos Serviços Eléctricos do Norte; eng. Alberto Cruz que dirigiu a instalação da rede; e os srs. João Vieira e Custódio Veiga Pereira, técnico sob cujas ordens directas agiu o pessoal que electrificou a Ribeira do Neiva. Oferecidos às autoridades civis alguns esclarecimentos sobre a extensão da rede, potência instalada, material empregado e trabalho que foi necessária executar, o sr. eng. Ferreira de Andrade, convidou o Chefe do Dis-

trito, à fazer subir a alavanca de ligação. O sr. dr. António Abranches, assim fez, e logo as lâmpadas existentes na cabine se iluminaram fazendo prova de que a partir do momento havia energia eléctrica na Ribeira do Neiva. Estralejaram palmas; tocou a música, as girândolas atroaram o espaço.

Procedeu-se, de pois, com o mesmo entusiasmo, à bênção e inauguração da cabine de Azões e, por último, à da estação telefónica. Nesta parte da solenidade, estiveram presentes os srs. Adriano de Carvalho, chefe de Exploração C.T.T. da Província do Minho, e Fernando de Moura Machado, que representava o sr. eng.º Diamantino de Carvalho, chefe dos Serviços Técnicos C.T.T. da mesma Província.

Sessão Pública

Após as bênções e inauguração, realizou-se no lugar do Angulo 40, onde confluem quatro estradas, uma sessão pública comemorativa. Num estrado lindamente ornamentado, ocuparam lugares numerosas individualidades de destaque. Presidiu o Chefe do Distrito, a quem prestou guarda de honra a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, que se apresentou na festa, pela primeira vez, com o seu pronto-socorro ladeado pelos srs. dr. Francisco Prieto, dr. Felcissimo Campos, Presidente da Câmara de Vila Verde, eng.º Ferreira de Andrade, rev. Aloísio de Sousa, António Santos da Cunha, Mons. Mosquera e dr. Miranda de Andrade, Usaram da palavra os srs. Presidente da Câmara de Vila Verde rev. Aloísio de Sousa, dr. Francisco Prieto, eng.º Ferreira de Andrade, Presidente da Câmara de Braga e Governador Civil do Distrito. As meninas Maria José de Azevedo e Maria Margarida da Silva, entregaram ao rev. Aloísio de Sousa uma mensagem e um ramo de cravos.

A festa terminou com desfile de ranchos das freguesias em festa, com oferendas que foram leiloadas e cujo produto se destina à electrificação das igrejas das freguesias seguindo-se imponente e animado arraial popular.



Conferência Vicentina de Vila Verde

A Conferência Vicentina promoveu uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia e de S. Bento, no dia 24 passado. Os confrades vicentinos e suas famílias foram transportados em duas camionetes.

do célebre, do famoso, do infernal plano de urbanização de Vila Verde que tudo tem entrayado.

Quanto, porem, à construção duma estrada de Vila Verde a Moure ou da reparação da estrada da Lage, que se saiba, não há nada de concreto.

Verdadeira educadora

Aos 20 de Março de 1869 morria no Tirol (Austria) uma educadora de nome Josefina da Cruz. Quando ela deu o último suspiro, todos diziam:

Morreu uma santa! sim, morreu uma santa!

Os que haviam frequentado a sua escola gostavam de contar a impressão que sentiam cada vez que a viam entrar na aula. «Parecia-nos — diziam — que era Jesus que entrava.»

Falava como Jesus. Comi portava-se como Jesus. De seus olhos e de todo o seu ser resplandecia a imagem de Jesus».

Aquela santa educadora revestira-se realmente de Jesus.